

## FAZER UMA SALA ANDAR

### Experimentações corporificadas de uma sala de aula

*Ana Rosa Soares Negreiros Feitosa<sup>1</sup>*

Começamos tímidos. O objetivo era fazer a sala andar, deslocar-se para outros lugares; primeiro tivemos que caminhar pelo corredor, e logo ali, na frente da porta, na parede de cobogós, colocamos 600 faixas coloridas, uma em cada pequena abertura, o que de imediato alterou a ótica, a percepção da passagem. Seguimos colorindo sempre o que podíamos, da banca da xerox ao telefone público, bem como os nossos corpos e os corpos dos colegas; depois pintamos um arco-íris em um arco, em um protótipo situado ao lado das sinucas onde os engenheiros costumam se reunir – a forma é um modelo do padrão da cobertura da edificação do nosso Centro de Tecnologia, uma abóbada. Para que entendêssemos de modo nítido a sua estrutura, marcamos as cores do arco-íris sobre a superfície áspera do concreto, servindo para contemplar e ressaltar que ele iria demorar-se na paisagem por um tempo, não iria apenas dar o ar da graça.

No entorno do ambiente colocamos uma placa de obra: “Atenção, pessoas em construção”, e alguém logo escreveu um ‘des’ antes da palavra construção, achamos que ficou até melhor, conseguíamos também por ali quebrar uns pilares com coisas simples, apenas uma fina linha de espelhos lhe dando uma volta... quando olhávamos parecia que faltava uma parte, ou melhor, que dentro deles estavam as folhas das árvores do jardim, e se chegássemos muito perto iríamos nos ver refletidos, como se estivéssemos inseridos na própria estrutura retangular. Colamos par de olhos nos bebedouros, nos cestos de lixo, nos bancos que pareciam observar quem passava, e ilustramos rostos por toda parte, e o grafite com o qual riscamos o concreto parecia quase se fundir e as feições pareciam nos vigiar. Debaixo da laje da passarela foram colocados prédios de cabeça para baixo, todos coloridos, achávamos que eles iriam cair logo, mas a fita adesiva era forte e ficaram congregados por quase dez anos, até que alguém foirrancá-los.

No extenso espaço aberto e verde do jardim, dispomos as cadeiras e as mesas que eram da sala de aula, pois um dia estabeleceram e demarcaram nosso espaço entre quatro pilares, mas bastava romper a linha, não existiam reais paredes, eram todas imaginárias. Logo prosseguimos avivando o que podíamos, jogamos grandes bolas amarelas em cima das árvores e pelo gramado, envolvemos a delicada goiabeira com fitas brilhantes e esta não passava mais despercebida, transpassamos fitas em três árvores adultas e conseguimos ouvir as cores vibrarem no ar em movimento, não esperávamos essa intervenção tão forte do vento, o que tornou tudo mais curioso e fabuloso.

Um dia, quando estávamos um tanto tristes, fizemos um varal com roupas que pareciam manchadas de sangue. Cada colega trouxe uma peça branca antiga e as sujamos com tinta vermelha, a angústia compartilhada com o grupo foi se esvaindo. Usamos depois outras muitas cores e marcamos, gravamos, o delineado e as linhas

de nossas mãos no plano dos bancos. Fizemos uma gigante cobra rosa que saiu da encolhida e foi passear nas passarelas suspensas que interligam os blocos do CT, depois surgiu uma nuvem rosa, e esta parecia flutuar, subia e descia puxada pelos fios de nylon que alteravam sua dimensão por conta do calor do sol – era outro contraste na paisagem. Por fim, seguindo nossa lógica, uma outra lógica, fixamos um portal, uma porta vermelha no ‘meio do tempo’<sup>2</sup>.

Atravessamos finalmente o portal, o de concreto da universidade, e fomos para outros bairros. Em uma rua movimentada, recolhemos, no final de uma tarde, várias caixas de papelão, pois já estavam jogadas em uma calçada para serem recolhidas. No dia seguinte voltamos à mesma rua, remontamos as caixas, e inventamos com elas estruturas e criamos espaços, fizemos planos no chão, subimos falsas paredes, barreiras, criamos labirintos, e ordenamos, direcionamos ou atrapalhamos os fluxos, as passagens, fomos confundidos com as caixas e incomodamos os antigos donos delas, o que antes era proteção para o que tinham de valioso, agora não servia para mais nada, eram agora o lixo e pertubavamo comércio.

Fomos a outras ruas e passamos pelo centro antigo da cidade em horários diversos, precisávamos ir à noite para fotografar e descobrir as cores que apenas surgiriam mais tarde. Durante o dia fizemos desenhos, traçamos no chão pegadas e mapas, questionamos com dinheiro inventado, distribuimos sóis de plástico, dispomos flores nos bancos, e sempre havia alguém que passava e questionava “o que diabé isso?” era o momento que mais gostávamos. Em outras ruas amarramos linhas, fizemos nós, fizemos festas, assentamos espelhos quebrados nos cantos mais escuros e jogamos luz, e esta refletia desordenada, para todos os lados, não tínhamos mais o controle.

Resolvemos passear também pelas praças e parques. Colocamos grandes sóis macios sobre o chão: aqui nessa cidade não se possuía o hábito de deitar na grama para curtir o tempo, mas agora sim, ficamos sob o sol, no entanto, sempre na sombra que nos cabe. Voltamos ao parque porque queríamos em dia de domingo falar sobre as casas, sobre nosso patrimônio desamparado, e fizemos da madeira antiga da janela, da soleira verde que encontramos desprendida e perdida, um balanço na árvore. Em fios vermelhos, desenhos dos prédios estavam dependurados de cabeça para baixo, os cartões postais da nossa cidade encontravam-se voando em balões, e fotografias foram amassadas e jogadas em um cesto de lixo, e na representação de uma casa refletia entre o descasco da fachada de forma torta e espelhada, a nossa própria imagem.

Pela cidade também tivemos a audácia de pichar a igreja, a prefeitura e o palácio, mas tivemos que apagar no editor de imagens. “Professora, tínhamos entendido que era arte, e não é arte?”

Enfim, fizemos vários passeios, em alguns caminhamos sem um rumo definido, sem visita guiada, percursos longos, na menor avenida do mundo, às vezes íamos em grupo, de vez em vez soltos e sozinhos. Na volta nos encontrávamos no átrio do artesanato, esboçávamos o que recordávamos, de memória delineávamos as quadras, e no começo alguns não notavam nem as pessoas, entretanto, enxergavam os prédios, os postes, os carros, com sorte lembravam das árvores, mas sempre notavam os cachorros, e sempre voltamos para caminhar mais um pouco e olhar, pra ver a gente.

<sup>1</sup> Professora na Universidade Federal do Piauí. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) na Universidade Federal do Paraíba. Mestre pelo PROPAR-UFRGS (2012). Arquiteta e Urbanista UFPI (2009).

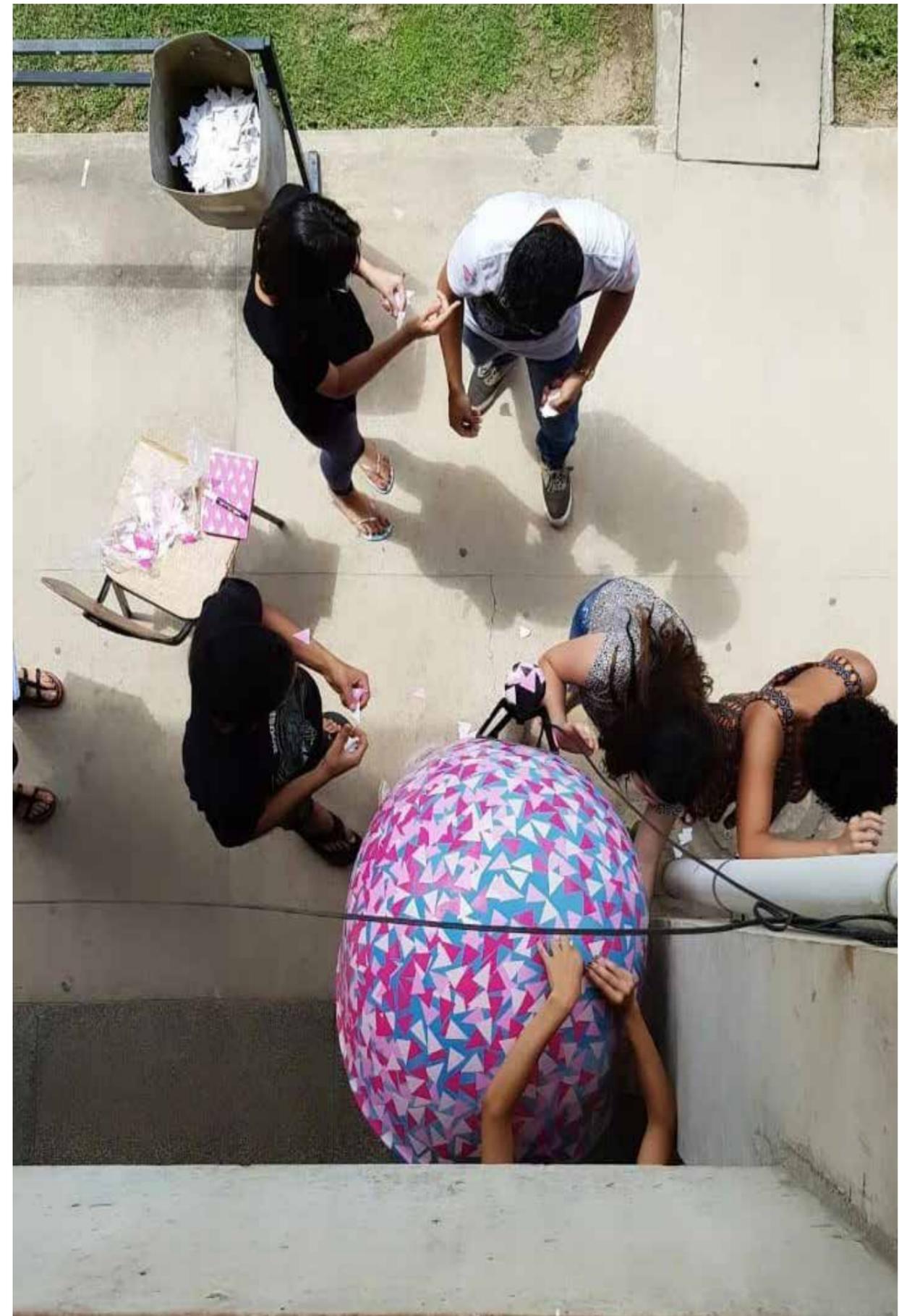
<sup>2</sup> Expressão que faz parte da linguagem coloquial no nordeste, e se refere ao espaço aberto, sem proteção ou cobertura.

Precisamos retornar à universidade, passamos por perto da biblioteca, e na feira que acontecia na rosa dos ventos, fizemos livros saírem de dentro de gaiolas, de sacos de arroz e de feijão empilhados, os livros saltavam dos muros e dos pilares, alguns apareceram suas lombadas nos casquilhos cerâmicos os quais revestiam as paredes, sempre todos coloridos. Aproveitamos que estávamos ali e riscamos pilares, preparamos espaços para que outros escrevessem, questionamos sobre o que é a liberdade, demos a palavra, estruturamos painéis para que fossem escritos os desejos e as intenções do que queremos fazer antes de morrer. Fincamos no chão varas bem altas, e nas suas pontas estavam sinos amarrados, sinos de boi, sinos pintados de rosa *neon*, sempre rosa, que quando eram estremecidos faziam barulho, como uma manada, mas tratava-se de uma chamada.

Chegamos no Centro de Tecnologia. No chão, embaixo da abóbada que nos protege, bem na entrada, retratamos que miramos no centro da cidade, riscamos de giz, sabemos que ele vai se apagar, tudo nessa vida passa. Voltamos para sala de plástico, junto com a Cassandra, tiramos a sua venda e mordaça, ela fala pelo seu corpo, todo rosa, rosa choque, corpo manequim, com parte inferior masculina e superior feminina, tendo demarcado em si, marcada, um mapa, uma cartografia, com desenhos e palavras, sobre os conceitos e os pré-conceitos, dos que se sentem no direito de escrever sobre sua superfície. Cassandra não anda, não fala, mas não para, os amigos a levam para dar voltas, em outras salas, nos auditórios, para além das aulas de arquitetura, está nas de Filosofia, Sociologia, Antropologia, está sempre na biblioteca e na feira, sua cidade é a universidade. Cassandra irrita, constrange, performa, vira professora, é intelectual, não aceita no lugar que querem lhe dar, ela vai tomando seus espaços. É modelo, expõe roupas, acessórios, cuida de plantas, de filhotes de gatos, de trabalhos perdidos e de Abortinho, o seu filho.

Enfim, Cassandra transmite calada, com seu corpo sem braços, vários recados, e segue olhando contemplativa a paisagem verde pelas janelas da sala, assiste às turmas irem e virem, observa eles desenharem a galáxia com gatos astronautas, planetas e cometas no quadro negro, os alunos não querem o espaço do quadro branco destinado ao traço, escrevem no chão, nas janelas, nas paredes e conseguem até datilografar na máquina de escrever quebrada. Eles são bons em criar cenas e fatos, eventos e formas, criaram objetos, sintetizam cubos, mas logo saem de dentro deles, esmagam o planeta Terra com os pés das suas carteiras, e seguem inventando outros mundos.

Antes de tudo imaginam, sonham, desenham, projetam, constroem e desconstroem muitas coisas também. Fazem casas em todos os lugares, nas árvores, nos corredores, nos cobogós, em cima das próprias cabeças, é isso que fazemos, não é mesmo? Fazemos moradas, de todas as formas e cores, da cor preta a dourada, pichada 'palestino', construídas de adobe, madeira, papel, de balanço, algumas minúsculas, outras saindo fumaça, casas internas com filme de terror, casas de 'nada'. Seguimos juntos e fizemos filtros e grandes mantos que projetam sombras translúcidas coloridas, e outras que refratam palavras, enfim, andamos experimentando, transbordando, continuamos nos movendo, fazendo da sala um lugar desviante, sempre esforçando-nos para fazer a sala andar.



2014

01. Arquétipo casas cobogos
02. Arquétipo casas pretas fumaça
03. Arquétipo casas brancas
04. Arquétipo casas coloridas
05. Arquétipo casa linhas
06. Casa vida'
07. Felicidade
08. Prédios na lage
09. Balões de tinta colorida
10. Fitas soltas nas árvores
11. Porta vermelha
12. Balão pilar
13. Nuvem Rosa
14. Xerox
15. Flores nas árvores
16. Varal da angustia
17. Bolas amarelas pelo jardim
18. Filtro



2015

19. Lampadas de decomposição de cores
20. Homem
21. Origamis
22. Diferenças sociais
23. Painel sombra cores
24. Fitas janela
25. Cobogo coloridos
26. Caixas de papelão
27. Pegadas
28. Balão amarelo
29. Dinheiro
30. Flores
31. Segundo Sexo
32. Volumétrias Salve Rainha
33. Volumétrias Salipe
34. Before I die
35. Balões vermelhos e homem a voar
36. Fitas coloridas entre árvores
37. Salvo nos Ares
38. Prédios deteriorados espelho
39. Pichação
40. A cidade Sangra
41. Patrimônio no lixo
42. Patrimônio precíval
43. Balanço Janela antiga
44. The um sol pra cada um
45. Fitas no tronco da árvores
46. Projetando o ser
47. Post-isso, não se esqueça
48. Planta fora do papel
49. Prefiguração
50. Meça-me
51. Observados
52. Jogo da Velha
53. Obras ao redor
54. Se identificando no CT
55. Texturas de todo dia
56. #énormal
57. Casinhas papelão pilar
58. Espelho
59. Fitas enlaçando 3 árvores
60. Folhas coloridas na laje
61. ChamandaChacina
62. Palavras perspectiva
63. Livros saindo pilar
64. Preço e Valor
65. Gaiola . Liberté
66. O que é liberdade ?
67. Maquina de escrever
68. Livro com asas
69. Parede Literária
70. Desenho Coletivo giz Patrimonio
71. Sala de aula no jardim
72. Desenho rostos nos pilares
73. Orelhão cor de rosa
74. Fita roxa a 4 pilares
75. Arco-íris abóbada teste
76. Cubo 3d na parede
77. Mão de gesso parede Sala 562 ...



2016

71. Desenho Coletivo giz Patrimonio
72. Desenho rostos nos pilares
73. Orelhão cor de rosa
74. Fita roxa a 4 pilares
75. Arco-íris abóbada teste
76. Cubo 3d na parede
77. Mão de gesso parede Sala 562 ...



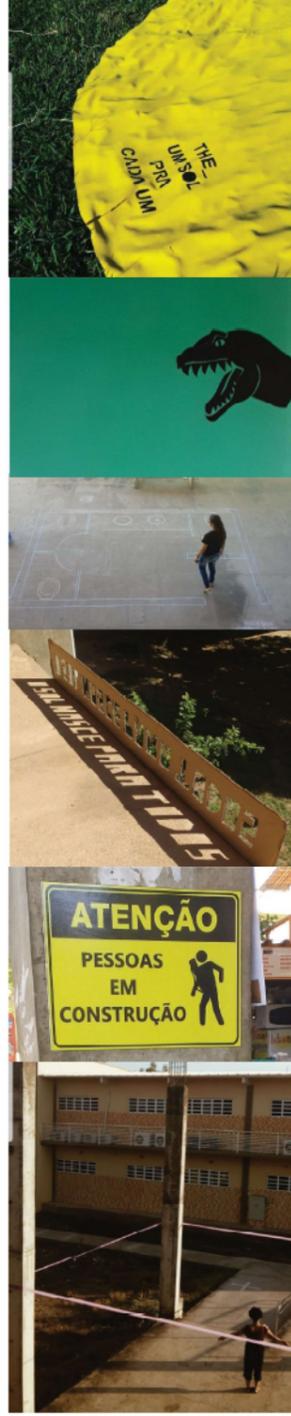
2017

78. Mão de gesso parede Sala 562 ...
79. Mão de gesso parede Sala 562 ...
80. Mão de gesso parede Sala 562 ...
81. Mão de gesso parede Sala 562 ...
82. Mão de gesso parede Sala 562 ...
83. Mão de gesso parede Sala 562 ...
84. Mão de gesso parede Sala 562 ...
85. Mão de gesso parede Sala 562 ...
86. Mão de gesso parede Sala 562 ...
87. Mão de gesso parede Sala 562 ...
88. Mão de gesso parede Sala 562 ...
89. Mão de gesso parede Sala 562 ...
90. Mão de gesso parede Sala 562 ...
91. Mão de gesso parede Sala 562 ...
92. Mão de gesso parede Sala 562 ...
93. Mão de gesso parede Sala 562 ...
94. Mão de gesso parede Sala 562 ...
95. Mão de gesso parede Sala 562 ...
96. Mão de gesso parede Sala 562 ...
97. Mão de gesso parede Sala 562 ...
98. Mão de gesso parede Sala 562 ...
99. Mão de gesso parede Sala 562 ...
100. Mão de gesso parede Sala 562 ...



2018

101. Mão de gesso parede Sala 562 ...
102. Mão de gesso parede Sala 562 ...
103. Mão de gesso parede Sala 562 ...
104. Mão de gesso parede Sala 562 ...
105. Mão de gesso parede Sala 562 ...
106. Mão de gesso parede Sala 562 ...
107. Mão de gesso parede Sala 562 ...
108. Mão de gesso parede Sala 562 ...
109. Mão de gesso parede Sala 562 ...
110. Mão de gesso parede Sala 562 ...
111. Mão de gesso parede Sala 562 ...
112. Mão de gesso parede Sala 562 ...
113. Mão de gesso parede Sala 562 ...
114. Mão de gesso parede Sala 562 ...
115. Mão de gesso parede Sala 562 ...
116. Mão de gesso parede Sala 562 ...
117. Mão de gesso parede Sala 562 ...
118. Mão de gesso parede Sala 562 ...
119. Mão de gesso parede Sala 562 ...
120. Mão de gesso parede Sala 562 ...



2019

121. Mão de gesso parede Sala 562 ...
122. Mão de gesso parede Sala 562 ...
123. Mão de gesso parede Sala 562 ...
124. Mão de gesso parede Sala 562 ...
125. Mão de gesso parede Sala 562 ...
126. Mão de gesso parede Sala 562 ...
127. Mão de gesso parede Sala 562 ...
128. Mão de gesso parede Sala 562 ...
129. Mão de gesso parede Sala 562 ...
130. Mão de gesso parede Sala 562 ...
131. Mão de gesso parede Sala 562 ...
132. Mão de gesso parede Sala 562 ...
133. Mão de gesso parede Sala 562 ...
134. Mão de gesso parede Sala 562 ...
135. Mão de gesso parede Sala 562 ...
136. Mão de gesso parede Sala 562 ...
137. Mão de gesso parede Sala 562 ...
138. Mão de gesso parede Sala 562 ...
139. Mão de gesso parede Sala 562 ...
140. Mão de gesso parede Sala 562 ...

